

Culturas em Diálogo

**BIBLOS**

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  

---

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Carmen Soares  
Universidade de Coimbra

## A Língua, um Instrumento de Diálogo Cultural em Heródoto

**Abstract:** The Language - an Instrument of Cultural Dialogue in Herodotus

I will consider the role of language in the process of intercultural communication, noting that it can improve both the success or the failure of the dialogue between different cultures. Herodotus attests three ways of solving those communication difficulties: the interpreters, the writing of bilingual stelae and the learning of foreign languages.

Reconhecidas como a primeira obra literária de natureza histórica a dar voz ao conflito entre Ásia e Europa - tal como então, no séc. V a. C., tais realidades geográficas eram delimitadas - as *Histórias* de Heródoto oferecem ao leitor moderno uma visão *original* - no sentido etimológico do adjectivo - sobre o papel da língua no processo de comunicação intercultural<sup>1</sup>. Da vasta obra do Pai da História, título que Cícero atribuiu a Heródoto (*De legibus* I, 5), iremos considerar passos esclarecedores para a compreensão de um fenómeno com que o Homem tem convivido desde sempre, o diálogo com o 'Outro'. A própria origem do mais antigo vocábulo grego empregue para designar esse indivíduo de cultura diferente assenta no particularismo idiomático. Ou seja, a primeira diferença que o Grego regista sobre um 'Outro' é a sua língua incompreensível, semelhante a uma sucessão dos sons *bar-*, *bar-*. Daí nasceu, como bem se sabe, o adjectivo substantivado *bárbaros*. Esta

<sup>1</sup> A questão do diálogo cultural remete para a temática mais abrangente do multiculturalismo em Heródoto, assunto que já tivemos oportunidade de tratar noutra lugar, mas sob perspectivas diversas da actual ("EI retrato del Bárbaro en Heródoto: un discurso de alteridad y de identidad" e "A visão do 'outro' em Heródoto", ambos no prelo). Ainda sobre o confronto de culturas, vd. M. F. Silva, "O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de inteligência e saber", (1) e (2), publicados na revista *Humanitas* LII (Coimbra 2000) 3-26 e LIII (Coimbra 2001) 3-48.

explicação etimológica encerra em si um dos elementos caracterizadores da identidade de um povo, tal como a entendiam os Gregos há vinte e seis séculos atrás e como ainda hoje boa parte da humanidade. E é precisamente no livro VIII das *Histórias* (cap. 144) que constatamos, na definição de ‘Grego’ dada pelos Atenenses, o lugar cimeiro ocupado pela língua na identidade de uma etnia.

Na recusa que fazem à proposta de colaboracionismo com o invasor persa, o rei Xerxes, os cidadãos de Atenas argumentam com os factores que os impedem de ceder a semelhante política: a absoluta oposição a um regime tirânico, responsável pela redução futura da Hélade à escravatura, condição em que se encontram todos os homens que têm por senhor não a Lei mas um *tyrannos* oriental, verdadeiro monarca despótico<sup>2</sup>; a necessidade imperiosa de vingar a ofensa feita aos seus deuses (por ocasião da tomada da cidade e incêndio do templo de Atena na Acrópole)<sup>3</sup>; o respeito pela sua identidade étnica, ou como diz o texto por *aquilo que caracteriza o ser Grego* ( ), definido nestes termos:

ser do mesmo sangue ( μ μ ), possuir a mesma língua ( μ ), os templos dos deuses e os ritos sagrados serem comuns, os costumes idênticos ( μ ).

(VIII 144, 2)

Não nos compete a nós, no âmbito deste estudo, inventariar exemplos diversos que contrariam esta união pan-helénica, muitos dos quais vêm divulgados pelo próprio Autor ao longo da sua obra<sup>4</sup>. O foco

<sup>2</sup> Na conversa entre Xerxes e o rei deposto de Esparta, Demarato, assistimos ao confronto de dois modelos mentais diferentes de autoridade. Enquanto a tradição oriental depositava o poder supremo na figura individual do monarca, os Helenos tinham por senhor um corpo de princípios, as leis - cf. VII 102-104 e o epitáfio erigido aos Espartanos caídos nas Termópilas (*Estrangeiro, vai contar aos Lacedemónios que H fazemos neste lugar por obediência às suas leis*, VII 228).

<sup>3</sup> Cf. VIII 50-55.

<sup>4</sup> O livro de referência nesta matéria continua a ser D. Gillis, *with the Persians*. *Historia Einzelschriften* 34 (Wiesbaden 1979). Não obstante a sujeição “voluntária” de numerosas pólis gregas à autoridade persa, os estudiosos são praticamente unânimes em defender o contributo inegável das Guerras Medo-persas para o cimentar de um sentimento de união entre todos os Gregos, sobretudo ao nível cultural e religioso. Para o desenvolvimento desta temática, veja-se J. R. Ferreira, *Hélade e Helenos. Gênese e evolução de um conceito* (Coimbra, INIC <sup>2</sup>1992) 347-56 e bibliografia aí indicada.

da nossa reflexão incidirá sobre a comprovação de que o critério linguístico, no sentido de língua falada e escrita, funciona na prática como instrumento de diálogo entre culturas. Podemos desde já adiantar que, como seria de esperar, encontraremos casos bem sucedidos de resolução das dificuldades inerentes à utilização de códigos diferentes, assim como outros de absoluta e, muitas vezes, trágica incompatibilidade. Por uma questão de clareza metodológica consideraremos em alíneas distintas os dois modelos.

## 1. A LÍNGUA AO SERVIÇO DO SUCESSO DO DIÁLOGO DE CULTURAS

Para obstar às naturais dificuldades de comunicação entre indivíduos com idiomas maternos distintos são duas, tal como sucede presentemente, as vias usadas: a da tradução e a da aprendizagem da língua do Outro'. O recurso aos intérpretes assumia já na Antiguidade um papel de tal forma fundamental no contacto entre povos que, no caso de uma das civilizações mais evoluídas de então, a egípcia, tais figuras adquiriram mesmo o estatuto de casta (yévos) profissional, a penúltima das sete inventariadas por Heródoto em II 164, 1.0 aparecimento desses especialistas da tradução remonta ao reinado de Psamético I (durante o Período Saítico, 664-525 a. C.), em resultado de uma estratégia de intercâmbio cultural, cultivada igualmente por outros povos nas *Histórias*, a formação de jovens<sup>5</sup>. Com a missão expressa de aprender a língua helena ( , II 154, 2), um punhado de jovens é entregue, por determinação régia, a mercenários gregos (Iónios e Cários), autorizados a instalarem-se nas margens do Nilo, possivelmente na região de Dafne. Aos profissionais descendentes destes mancebos recorreu, aliás, o historiador no seu périplo pelos principais locais visitados nas terras do Nilo<sup>6</sup>, conforme atesta a respeito

<sup>5</sup> Os restantes exemplos serão considerados na alínea 2 deste estudo.

<sup>6</sup> Sobre as viagens de Heródoto, leiam-se J. Redfield, "Herodotus the tourist", *CP* 80 (Chicago 1985) 97-118; H. R. Immerwahr, "Herodotus", in P. E. Easterling and B. M. W. Knox (edd.), *The Cambridge History of Classical Literature. I. Greek Literature* (Cambridge 1985) 426; *Erodoto. Le Storie. Libro I. La Lidia e la Persia* (Milano, Arnoldo Mondadori Editore ^ 1997), D. Asheri (introd., ed., com.), V. Antelami (trad.); K. H. Waters, *Herodotos the historian. His problems, methods and originality* (London 1985) 25-7; M. C.

da leitura da inscrição em hieróglifos colocada na pirâmide de Quéops, informando, ao que afirma Heródoto, o valor em talentos dos gastos com os trabalhadores (II 125, 6)<sup>7</sup>.

Considerados a exceção entre as mais ignorantes das etnias conhecidas, situadas na região do Ponto Euxino (IV 46, 1), os Citas, por razões meramente utilitárias, ou seja, facilitar as transações comerciais com as colónias de Gregos fixadas no litoral, cultivam a aprendizagem do idioma estrangeiro. Heródoto, respeitando o número de subetnias citas identificadas em IV 21, informa serem sete os intérpretes em funções (IV 24), tantos quantos os dialectos autónomos desse povo. Todavia, quando os intuitos subjacentes a essa assimilação da cultura do Outro transcendem as barreiras de um mero serviço devidamente orientado para os objectivos acabados de referir e passam, ao invés, a visar uma forma clara de aculturação, a xenofobia sobrepe-se-lhes, a ponto de, conforme teremos oportunidade de analisar na alínea seguinte, arrastar o autor da aprendizagem para a morte.

Se passarmos, agora, para o universo dos Bárbaros que lideraram a ofensiva asiática contra a Hélade, aqui assumida como baluarte da Europa, deparamos, na corte da Pérsia, com três episódios ilustrativos do recurso necessário a esses mestres do plurilinguismo. Graças ao saber dos intérpretes, Ciro pode tomar conhecimento do conteúdo das últimas palavras do rei lídio, Creso, vencido e colocado sobre uma pira sob as suas ordens (I 86, 4). Traduzindo para persa o desabafo do inimigo, os servos de Ciro proporcionam-lhe uma reflexão sobre a justeza do castigo aplicado. Se, como afirmara Sólon em tom sentencioso, *nenhum dos vivos é feliz* ( μ εivαι , I 86, 3), estar ele, Ciro, um mortal no auge do poder, a condenar

Miller, *Athens and Persia in the fifth century B. C. A study in cultural receptivity* (Cambridge 1997) 105-8.

<sup>7</sup> A. B. Lloyd, no comentário rigoroso e detalhado que faz ao livro II das *Histórias*, levanta sérias dúvidas à exactidão da leitura apresentada pelo intérprete. Embora reis e privados costumassem mandar gravar inscrições contendo os pagamentos feitos em géneros a trabalhadores contratados para determinada obra, não se encontra, para o período em questão, nenhum paralelo de semelhante hábito no que toca às pirâmides *vd.* A. B. Lloyd, *Herodotus book II. Commentary 99-182*, Leiden, Brill 1988, 70). Quanto à oportunidade da medida atribuída a Psamético, e a avaliar pela facilidade dos Egípcios modernos em aprender idiomas estrangeiros, tratar-se-ia de aproveitar uma propensão natural de um povo para o bilinguismo. A própria convivência com os Helenos, já com dois séculos ao tempo de Heródoto, familiarizara os indígenas com a língua e cultura gregas.

à morte outro igual, até há bem pouco tempo também ele um poderoso senhor, poderia mesmo constituir, à luz do pensamento popular grego da observância da moderação (*sophrosyne*), um acto de insolência (*hybris*), merecedor de punição divina. Conforme esclarece o texto de Heródoto, o papel dos intérpretes foi, sem dúvida, fundamental para o *memento homo* percebido pelo Persa:

Ciro, quando ouviu dos intérpretes o que Creso disse, tomou-se de arrependimento e ponderou que também ele próprio, sendo um homem, oferecia às chamas um outro homem, ainda vivo, que não tinha gozado de uma felicidade inferior à sua. Além disso, porque receava o castigo e tinha presente no espírito que nada do que é humano é seguro, ordenou que apagassem com a maior rapidez o fogo aceso e descessem da pira Creso, bem como os que o acompanhavam.

(1 86. 6)

Mais tarde nas *Histórias* (III 38), um outro suserano persa surge como patrono da tolerância. Desejoso de avaliar o grau de fidelidade às tradições funerárias autóctones de dois dos povos situados nos extremos oriental e ocidental dos seus domínios, respectivamente os Indianos (da tribo dos Calátias) e os Gregos, Dario coloca a ambas as partes uma mesma questão. À pergunta por que preço aceitariam praticar o ritual do outro povo, a recusa é comum, uma vez que nem os Gregos seriam capazes de comer os cadáveres dos parentes mortos, nem os Indianos aceitariam entregar os seus à terra, sepultando-os. Como se lê em III 38, 4, *os Helenos presentes entendiam o que se dizia graças a um intérprete* ( <sup>1</sup> μ ?). Ser tolerante significa respeitar o direito às diferenças étnicas, valor esse imortalizado no presente quadro. Personagem polifacetada “o Dario criado por Heródoto” - como escreve M. Fátima Silva - “é sobretudo um ser humano, detentor de uma enorme missão, com qualidades e defeitos, dividido entre a ousadia e a fraqueza, susceptível de vitórias e fracassos, embora ligado ao clímax de maior prosperidade, riqueza e projecto na história do império persa”<sup>8</sup>. Um dos traços positivos do retrato desta figura consiste na gratidão pelos favores que lhe são prestados. Não se trata, no entanto, do cumprimento desinteressado do princípio da retribuição, ou, como lhe chamam os Gregos, da *cháris*. Tanto no caso que de momento nos interessa, o do Sâmio Silosonte (III 139-141), como no de outro Heleno, o do médico Democedes (III 132-137), o monarca espera benefícios pessoais com as

<sup>8</sup> In “Dario, o Grande-Rei, personagem em *Histórias* de Heródoto”, *Mathesis* 4 (Viseu 1995) 63-88, citação retirada da p. 65.

suas dádivas - conquistar a Grécia, ora tendo por guia um conhecedor privilegiado do terreno inimigo, o médico grego exilado na sua corte, ora apoiando a tomada do poder por parte do irmão do falecido tirano de Samos, Polícrates. Centremos a nossa atenção na história do Sâmio.

Na qualidade de benfeitor de Dario, a quem oferecera em tempos, a título gratuito, o seu manto militar, Silosonte aproveita para reclamar do recém empossado monarca da Pérsia o pagamento do favor antigo<sup>9</sup>. Conforme sublinha o historiador, o diálogo entre o Persa e o Grego estabelece-se graças à intervenção de intérpretes, responsáveis pela efectivação da troca de informação ( οί έππqvέες, III 140, 3).

Para além da tradução oral, realizada *a posteriori* ou em simultâneo, categoria em que se inserem os casos acabados de analisar, Heródoto atesta o recurso à estratégia da tradução escrita em mais do que uma língua. Ainda no plano da biografia de Dario, deparamos com o hábito de mandar gravar esteias bilingues<sup>10</sup>. O primeiro desígnio deste cuidado do suserano consiste, seguramente, em garantir o entendimento da mensagem por parte não apenas dos conhecedores da escrita cuneiforme, mas também dos Outros'. Subjaz-lhe, em nosso entender, um objectivo de natureza política, visto dar a conhecer, no idioma que os povos conquistados conhecem, a supremacia do poder persa. Com o intuito de anunciar a inutilidade de resistir à invasão das suas forças, o Grande-Rei manda erigir no Bósforo, canal de ligação entre a Ásia e a Europa, duas esteias com os nomes dos povos dominados, uma redigida na sua língua outra na do adversário, em grego (IV 87, 1).

Todas as situações até ao momento tidas em conta assentam no denominador comum de total distanciamento cognitivo dos protagonistas do diálogo de culturas em relação a idiomas estrangeiros. Para que a

<sup>9</sup> Sobre o episódio em apreço, *vd.* J. Labarbe, "Le manteau de Syloson", *CCC* 7 (Genova 1986) 7-27.

<sup>10</sup> O interesse que para o nosso estudo apresentam esta e outras inscrições, escritas em idioma estrangeiro (entenda-se 'não grego'), não reside em avaliar a autenticidade das mesmas e a veracidade dos seus conteúdos - matéria secundária aos objectivos da presente abordagem. Para uma resenha e análise das epígrafes citadas por Heródoto, leia-se S. West, "Herodotus' epigraphical interests", *CO* 35. 2 (Oxford 1985) 278-305. Note-se que apenas temos em conta os passos em que o historiador faz uma referência explícita ao recurso de intérpretes para tradução dos textos (II 125. 6 e IV 87. 1). No entanto, mesmo quando não é feito esse esclarecimento, supõe-se a necessidade de a eles ter recorrido, pois, como bem observa S. West, "knowledge of cuneiform and hieroglyphic scripts was practically restricted to small professional groups..." (*op. cit.*, 295).

comunicação se viabilizasse recorreram a profissionais, os intérpretes. A verdade é que por parte de nenhum dos envolvidos foi revelado qualquer interesse em aprender um código linguístico diverso. No entanto, nas primeiras faixas etárias, a infância e a juventude, mais propensas à aquisição de conhecimentos, deparamos com a aprendizagem de línguas estrangeiras ao serviço da aculturação. E semelhante iniciativa parte tanto de Gregos como de Bárbaros (Persas e Egípcios).

Parece-nos, além disso, natural que sejam os adultos a suscitar nos jovens semelhante processo de aquisição de conhecimentos de língua, uma vez que estariam mais sensibilizados para as vantagens deste enriquecimento, não apenas pessoal, mas até mesmo do estado - entendido como núcleo de interesses comuns ao serviço de uma comunidade com autonomia política. Tendo em vista, ao que se depreende, estreitar o relacionamento diplomático com outro povo, efectivo ou possível aliado sobretudo em questões comerciais e político-militares, dois soberanos Bárbaros, Psamético I e Ciaxares, tomam a mesma medida: enviar crianças nativas para a companhia do Outro', incumbindo-as expressamente, segundo a versão de Heródoto, de aprender a língua grega (no caso dos Egípcios, II 154, 2) ou a cita (como sucedeu aos Medos, I 73, 3). A sorte desses grupos destinados a cumprir uma missão idêntica difere, no entanto, profundamente. Enquanto os primeiros, consoante já notámos, fundam uma classe profissional, com um futuro promissor, a dos intérpretes, um dos meninos da Média paga com a vida a factura de um choque de culturas. Embora não seja o facto de se conhecer um código linguístico que não o do seu povo a causa directa da morte desse Medo, a verdade é que, nesta como em mais duas situações, o contacto com uma língua estrangeira é o que se pode chamar de motivo recorrente em quadros de fractura de diálogo intercultural.

## 2. A LÍNGUA EM CONTEXTO DE FRACTURA DO DIÁLOGO DE CULTURAS

Ligados pelos laços dos códigos ético-sociais da suplica e da hospitalidade, um grupo de nómadas da Cítia e o rei medo Ciaxares firmam os deveres da retribuição e reconhecimento através de sinais externos de apreço mútuo<sup>11</sup>. Os Citas asilados distinguem regularmente o

<sup>11</sup> Sobre as normas da hospitalidade e os princípios que regem a relação de suplica na Grécia Antiga, vejam-se M. Scott, "*Philos, philotês and xenia* | AC 25 (Louvain-la-



seu benfeitor com uma peça de caça, já confeccionada, ao passo que este, revelando o elevado apreço que lhes tinha, *ofereceu-lhes crianças para que aprendessem o seu idioma* (  $\chi\epsilon\ \mu$  ) e a arte de manusear o arco (I 73, 3). Por uma única vez em que falham o usual tributo, os homens da Cítia são insultados pelo soberano, desconsideração que julgam imerecida. A retaliação ganha a forma de um episódio mitológico grego célebre, conhecido por “Festim de Tiestes”<sup>12</sup>. A semelhança de Atreu, os Cítas esartejam uma criança (  $\epsilon\upsilon\alpha$  , I 73, 5), quem sabe um filho do próprio rei, e oferecem-na de refeição a este último e aos convivas da sua mesa<sup>13</sup>.

Os casos que ainda falta considerar afastam-se ambos dos dois anteriores, na medida em que o enquadramento passa da esfera pública para a privada, ou seja, o ensino de um segundo idioma está a cargo da mãe, figura preponderante na educação dos seus filhos, sobretudo durante os seus primeiros anos de vida. Nestas circunstâncias, para sermos precisos, não se trata de iniciar alguém numa língua estrangeira, mas sim no seu idioma materno. Tanto o jovem príncipe cita, Ciles - rebento de um matrimónio do soberano com uma helena de ístria - como as crianças Lémnias - nascidas da união de homens da ilha com concubinas atenienses - têm por língua de comunicação pátria o idioma do pai. Tal não obsta a que, no seu papel de fiel depositária e transmissora dos costumes do seu povo, a mãe cumpra o papel de mestre da sua língua, o grego<sup>14</sup>. De Ciles, conta Heródoto que:

Neuve 1982) 1-19, G. Gill *et alii* (edd.), *Reciprocity in ancient Greece* (Oxford 1998) e J. Gould, “Hiketia”, *JHS91* (London 1973) 74-103.

<sup>12</sup> Este motivo vem repetido na obra mais precisamente na história de Hárpago, a quem o rei Astíages, sucessor de Ciaxares, serve por refeição o único filho daquele (I 118-119).

<sup>13</sup> O substantivo grego  $\chi\epsilon\ \mu$ , utilizado no texto, significa ‘criança’ e ‘filho(a)’ pelo que não está excluída a possibilidade de, tal como sucedia na lenda do banquete tecnofágico de Tiestes, irmão de Atreu, a relação de parentesco entre a criança cozinhada e o conviva da refeição ser de filho-pai. Sobre o significado mítico-religioso do tema, leia-se W. Burkert, *Homo necans. The anthropology of ancient Greek sacrificial ritual and myth* (trad. ing., Berkeley 1983), 103-9. Quanto ao seu aproveitamento literário, *vd.* M. Halm-Tilsschlag, *Cannibalisme et immortalité. L’ enfant dans le chaudron en Grèce ancienne* (Paris, Les Belles Lettres 1993).

<sup>14</sup> Quanto ao reconhecimento que na obra de Heródoto se atribui à mulher de transmissora privilegiada de cultura, *cf.* C. Dewald, “Women and culture in Herodotus’ *Histories*” in P. Foley (ed.), *Reflections of women in Antiquity* (New York 1981) 91-125, em especial 98-100.

Ariapites, rei dos Citas, além de outros filhos, teve Ciles. Este nasceu de uma mulher de Istria, não de uma indígena, e foi a própria mãe que lhe ensinou a língua e a escrita gregas<sup>15</sup>.

(IV 78. 1)

Já as Atenienses *ensinavam a língua ática e os usos da sua terra aos filhos* ( ? ? ? ? ? ?, VI 138, 2). O conhecimento da língua materna encontra-se naturalmente ao serviço de uma aculturação mais completa das crianças em questão; contudo o fim trágico que lhes sobrevém resulta de um confesso sentimento xenófobo, no caso do primeiro, e de uma política de eliminação de potenciais usurpadores, como sucede para os segundos. Os Citas ferozmente avessos a qualquer influência estrangeira, e muito em especial à vinda da Grécia, não correspondem exactamente à realidade histórica das populações situadas na região litoral norte do Mar Negro<sup>16</sup>. O próprio facto de o pai de Ciles ter uma esposa grega, tradição seguida pelo filho, atesta bem uma política de aproximação do povo com quem tinham fortes laços comerciais. A intolerância étnica constitui, como bem acentua o autor a propósito desta e de outra história, a do desafortunado príncipe cita Anacársis (IV 76-80), um elemento caracterizador da identidade deste povo Bárbaro, segundo se depreende da seguinte observação<sup>17</sup>:

<sup>15</sup> Como se lê no original: μ

μη

<sup>16</sup> Heródoto identifica várias tribos citas, circunscrevendo-as a espaços geográficos próprios: os Calpídas, os Alázones, os Citas Lavradores e os Neuros situam-se a oeste do rio Borístenes (IV 17); os Citas Agricultores a leste (IV 18 e 54); na região das estepes encontram-se os Citas Nómadas (IV 56) e os Citas Reais (IV 20). Desses grupos, os últimos formavam uma elite, cuja hegemonia já teria desaparecido no séc. III a. C. A atestar a abertura desta etnia a relações de intercâmbio cultural com os Gregos, foram encontradas nas suas sepulturas em forma de cômara, os *kurgans*, numerosas jóias trabalhadas em ouro, precisamente naquele que ficou conhecido por "estilo animal greco-cita". Indicam-se como referências bibliográficas: A. M. Khazanov, "Les Scythes et la civilization antique. Problèmes des contacts", *DHA* 8 (Paris 1982) 7-51; I. Artamonov, *Les trésors d'art des Scythes du Musée de l'Ermítage à Leningrad* (Prague 1968); K. Marcenko and Y. Vinogradov, "The Scythian period in the northern Black Sea region (750-250 B. C.)", *Antiquity* 63 (Berks 1989) 803-13.

<sup>17</sup> A problemática da tolerância e da xenofobia nas *Histórias* já tivemos ocasião de tratá-la no outro estudo, para o qual remetemos: "Tolerância e xenofobia ou a consciência

Carmen Soares

Os Cítas repudiam de forma violenta a prática de costumes estrangeiros, próprios dos outros povos, e mais que todos os gregos, como tornaram evidente com os casos de Anacársis e, uma segunda vez, de Ciles.

(IV 76. 1)

Em suma, embora não seja um motivo maior das *Histórias* de Heródoto, a língua não podia deixar de ser um dos aspectos tratados numa obra dedicada ao confronto, o mesmo é dizer diálogo, entre povos diferentes. Então como hoje, a comunicação verbal e escrita assume-se como canal de contacto multiétnico. Talvez por se tratar de uma mediação natural não tenha, contudo, merecido maior expressão no conjunto do *corpus* textual. Não restam, no entanto, dúvidas de que a problemática do particularismo linguístico revela ser uma realidade a considerar, quando se trata de analisar o contexto de diálogo pluricultural.

de um universo multicultural nas *Histórias* de Heródoto”, *Humanitas* LIII (Coimbra 2001) 49-82.

Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra